

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO – CELACC

Rogério Porto Guedes

A INTERNET, AS REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES PESSOAIS

São Paulo
Outubro / 2010

Rogério Porto Guedes

A INTERNET, AS REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES PESSOAIS

Trabalho de conclusão apresentado à Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de especialista em mídia, informação e cultura.

Orientador: Dennis de Oliveira

São Paulo
Outubro / 2010

RESUMO

A formação de comunidades é inerente à história do homem. A cultura digital e as tecnologias de informação configuram uma nova ferramenta de constituição destas construções sociológicas, suscitando, por suas características de automatização, reflexão sobre os impactos nas relações pessoais. Este trabalho discute, com maior ênfase, o papel das redes sociais neste processo.

PALAVRAS - CHAVE: Redes Sociais - cultura digital, relações pessoais

ABSTRACT

The formation of communities is inherent in man's history. The digital culture and information technologies have given a new tool for the formation of these sociological constructions, giving rise, by its automation features, reflection about the impact on personal relationships. This paper discusses, with greater emphasis, the role of social networks in these process.

KEY-WORDS: Social Networks, digital culture, personal relationships

RESUMEN

La formación de las comunidades es inherente a la historia del hombre. La alfabetización digital y tecnologías de la información han dado una nueva herramienta para la formación de estas construcciones sociales, lo que lleva, por sus características de automatización a la reflexión sobre el impacto en las relaciones personales. Este trabajo discute, con mayor énfasis, en el papel de las redes sociales esto proceso.

PALABRAS - CLAVE: Redes Sociales - la cultura digital, las relaciones personales

SUMÁRIO

Introdução	05
O mundo digital	06
Mim analógico, você digital	09
400 milhões de amigos	10
Somos quem queremos (ou fingimos) ser	13
Pesquisa de Campo	14
Planeta Google	24
Considerações finais	26
Referências Bibliográficas	30
Anexos	34

A INTERNET E O IMPACTO NAS RELAÇÕES PESSOAIS

INTRODUÇÃO

Na sociedade informatizada que construímos somos surpreendidos com novas tecnologias todos os dias. Seja com o sistema de inteligência que faz com que os eletrodomésticos “conversem” entre si e se auto programem ou por sistemas de comunicação intermediários, que oferecem vantagens e encurtam distâncias, mas também limitam a privacidade e reduzem o contato pessoal.

Como a internet e a explosão digital são fenômenos relativamente recentes, o número de estudos acadêmicos sobre como as novas tecnologias têm afetado a maneira de encarar o outro, as coisas e o mundo ainda é pequeno. A linha geral de pesquisa, entretanto, segue os aspectos da digitalização, raramente abraçando o viés das relações pessoais.

Este trabalho busca identificar como os meios eletrônicos e as facilidades da comunicação online têm modificado as relações presenciais, com recorte sobre as redes sociais e a maneira como migrantes e nativos da era digital se integram e trocam experiências para, depois, desconectarem-se, muitas vezes como se nada tivesse acontecido.

A pesquisa e a fundamentação teórica envolveram obras como “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos, de Zygmunt Bauman; “A Vida Digital”, de Nicholas Negroponte; “A Sociedade em Rede”, de Manuel Castells; e “A Nova Mídia, de Wilson Dizard Jr., artigos científicos, além de dados e informações retiradas da própria internet.

Como trabalho de campo, foram realizadas quatro entrevistas individuais e semi estruturadas. Duas destas com usuários assíduos de internet e duas com estudiosos do Centro de Estudos do Comportamento Humano e do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. O objetivo foi cruzar as informações obtidas na pesquisa teórica e o trabalho de campo para ilustrar o impacto da internet e das redes sociais nas relações pessoais.

A INTERNET E O IMPACTO NAS RELAÇÕES PESSOAIS

O Mundo Digital

Daqui não muito tempo, dos grandes acontecimentos sociais do século XXI, talvez nenhum venha a chamar mais atenção nos livros de história, caso ainda existam, do que a interferência Internet nas relações humanas. Com o desenvolvimento tecnológico voraz e veloz nas mais diversas esferas que pautam a vida em sociedade, fica fácil identificar que a equação homem x homem tem um novo e potencialmente indispensável coeficiente, o computador ou qualquer dispositivo que conecte o indivíduo à rede.

Rede, de acordo com a definição do dicionário Michaelis (1), vem do latim *rete*, que significa o conjunto entrelaçado de fios, cordas, cordéis, arames com aberturas regulares, fixadas por malhas e nós. Este conceito foi adaptado e aplicado à informática para definição, segundo o portal Info Escola (2), do conjunto de computadores e periféricos conectados uns aos outros e que permitem, assim, o tráfego de dados e informações.

Falar de rede também é evocar o fenômeno *web* e seus números impressionantes. Dados da organização *Internet World Stats* (3), que monitora o crescimento desta ferramenta em todo o globo, registram, até 2009, mais de 1,8 bilhão de usuários ou 26,6% da população mundial. Um salto de 399,3% na comparação com 2000, ano considerado base para a popularização. O próprio departamento de cultura digital do Ministério da Cultura aponta que caminhamos para o fim de 2010 prestes a superar previsões feitas originalmente para 2015 (4). O órgão destaca, ainda, que a internet, enquanto tecnologia, só fica atrás do celular em velocidade de crescimento e expansão, mas já ultrapassou facilmente invenções importantes como o automóvel e a televisão.

O Brasil é líder em acesso na América do Sul, contribuindo com a conta da América Latina, respondendo por 50 milhões dos mais de 156 milhões de usuários na área (5). Um índice

significativo reforçado pelo fato de que a parcela da população que tem acesso à *web* passa 45 horas por mês conectada (6).

Uma visão geral sobre o mapa da acessibilidade revela que nos últimos dez anos, a taxa de avanço desta tecnologia foi bem maior que 100% nos cinco continentes. Na África, paradoxalmente, encontra-se a elevação mais exponencial. O salto de conexões habilitadas no período foi de 1809,8% (7). É importante considerar que estes números são possíveis não só devido à disponibilidade de computadores, mas também pela convergência com os aparelhos celulares que, conforme visto nesta introdução, configuram a tecnologia símbolo de uma comunicação global, aberta e integrada.

Todos estes números, planos e porcentagens ratificam que a Internet (e seus diferentes usos) não é vista apenas como um canal. Ainda na apresentação, a obra “Pensar-Pulsar”, que trata de cultura comunicacional, tecnologias e velocidade, destaca que este universo, complexo e estruturado, segue avante sua trajetória indeterminada, construindo novos cenários e personagens (NTC, 1996, p.08). E este quadro característico, de comunicação em tempo real e com possibilidades além das barreiras físicas e temporais, mexe com o nosso senso. Quem somos, onde estamos, para onde vamos, em que tempo vivemos? Questionamentos que surgem em uma época que pede, de forma cada vez mais tenaz, uma adaptação ao digital.



USO DA INTERNET NO MUNDO E ESTATÍSTICAS DA POPULAÇÃO

Regiões Mundiais	População (2010 Est.)	Usuários 31 Dez. 2000	Usuários Data atual	Penetração (% População)	Crescimento 2000-2010	Users % of Table
África	1,013,779,050	4,514,400	110,931,700	10.9 %	2,357.3 %	5.6 %
Ásia	3,834,792,852	114,304,000	825,094,396	21.5 %	621.8 %	42.0 %
Europa	813,319,511	105,096,093	475,069,448	58.4 %	352.0 %	24.2 %
Oriente Médio	212,336,924	3,284,800	63,240,946	29.8 %	1,825.3 %	3.2 %
América do Norte	344,124,450	108,096,800	266,224,500	77.4 %	146.3 %	13.5 %
América Latina / Caribe	592,556,972	18,068,919	204,689,836	34.5 %	1,032.8 %	10.4 %
Austrália / Oceania	34,700,201	7,620,480	21,263,990	61.3 %	179.0 %	1.1 %
TOTAL MUNDIAL	6,845,609,960	360,985,492	1,966,514,816	28.7 %	444.8 %	100.0 %

Fonte: tabela retirada do site Internet World Stats¹

Da gama de campos afetados pelo processo de digitalização social, os relacionamentos pessoais detêm a dúvida mais expressiva. Até quando serão, de fato, pessoais? No primeiro volume de A Sociedade em Rede, Manuel Castells lembra que a comunicação mediada pela internet ainda é um fenômeno muito recente para contemplar estudos acadêmicos profundos, mas o fato é que o assunto começa a ganhar corpo na comunidade científica. Percebeu-se que as proporções são grandes demais para serem tratadas como futuras.

É da obra de Castells, inclusive, que vem outro ponto pertinente na discussão sobre relacionamentos pessoais e a tecnologia web.

A Internet favorece a criação de novas comunidades, mesmo que virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade e, por fim, com o mundo real? (CASTELLS, 2007, p.125)

¹ Endereço eletrônico da tabela

<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

Mim analógico, você digital.

O número de serviços, atividades e possibilidades oferecidos pela rede é cada vez maior. Constatamos, então, um mundo que aponta para a valorização do digital, do bate papo às compras, enxergando grandes vantagens neste processo. Ser virtual demanda menos tempo, custos, mão de obra e aborrecimentos. A tendência é transportar para o ambiente eletrônico os mais variados tipos de tarefas, obviamente considerando que nem tudo pode ser feito eletronicamente. Hoje, ter um micro computador com Internet significa contar com a praticidade. Mas o Brasil é um país de dimensões continentais e de grandes contrastes sociais. Se por um lado estamos no topo da lista de usuários da América do Sul, conforme citado anteriormente, por outro temos uma camada subalterna expressiva, sem condições, sequer, de adquirir equipamento. Para estes restam os programas de inclusão digital como os Telecentros (8), ambiente composto por vários computadores interligados e conectados à Internet e que, segundo o Governo Federal, é voltado para o acesso gratuito, oferta de cursos e treinamentos, na tentativa, ainda insuficiente, de não deixá-los às margens dos recursos digitais.

Não excluindo as questões de classe e outras referências, é possível observar, dentro do universo dos que já fazem uso desta tecnologia, objeto desta pesquisa, dois personagens: os migrantes e os nativos digitais.

- 1) Migrantes são aqueles provenientes da era analógica e que só agora, depois de estabelecida a era digital, tentam acompanhar esta constelação de informações mediadas pelo computador. Em geral são pessoas com mais de trinta anos de idade que só tiveram contato com os primeiros (e já considerados arcaicos) processos digitais após 2/3 (dois terços) de vida.
- 2) Nativos são aqueles nascidos em plena efervescência do conceito de virtualidade. Também conhecidos como Geração Y, podem ser inseridos no mundo digital ainda na

maternidade, com a divulgação online e em tempo real do momento do parto até o berçário.

Essa divisão ainda é visível, mas já foi muito mais demarcada. No início da década de 1990, quando a explosão digital começou a ganhar força, as dificuldades dos migrantes, como falta de conhecimento e habilidade, eram, compreensivelmente, muito maiores. Já os nativos não conhecem outro mundo que não o digital, o que facilita a absorção das técnicas, sistemas e aparelhos que emergem a todo instante, transformando o consumo em algo praticamente automático.

400 milhões de amigos

A busca por informação ainda é top do ranking de atividades online, mas a popularização dos sites de relacionamento aponta que a prova de permanência no posto é apenas uma questão de tempo. Dados da empresa Radicati Group², especializada em e-mails, registram que a troca de mensagens chegou a 90 trilhões em 2009. O internauta tem a disposição 234 milhões de sites, sendo que, destes, 126 milhões são blogs. O Facebook, classificado como o mais popular da categoria rede social, tem 400 milhões de membros e uma visitação anual de 37,4 trilhões de Page views. O Youtube, utilizado no compartilhamento de vídeos, tem 1 bilhão de acessos aos arquivos a cada 24 horas. O micro blog Twitter recebe 27,3 milhões de mensagens diariamente. Estas informações evidenciam que além de impactar significativamente nas relações pessoais, a internet mudou de maneira definitiva os padrões de comunicação, descentralizando a informação, colocando nas mãos do usuário um poder muito maior do que o de escolha por essa ou aquela fonte. Essa vertente foi um dos primeiros alertas dos estudiosos em novas mídias. “O poder da internet está baseado na sua habilidade de superar as barreiras que limitavam o acesso de uma enorme massa de informações para os consumidores comuns” (DIZARD, 2000, p.155).

² Dados retirados do endereço eletrônico <http://www.radicati.com/?p=5282>

De posse deste instrumento que permite, sem sair de casa, acesso ao conhecimento e também a relação com comunidades inteiras, virtuais ou não, o sujeito da sociedade informatizada, não consegue ignorar a sedução de ferramentas práticas e eficientes, capazes de apagar as linhas imaginárias do globo, reduzindo grandes distâncias físicas a poucos cliques. Algo quase irresistível no cenário da modernidade líquida descrita por Zygmunt Bauman, onde não há tempo nem para o trivial. Saber sobre aquele amigo de colégio ou parente que não dá notícias há anos, requer um esforço mínimo. Basta que o mesmo esteja registrado em uma das dezenas de redes sociais existentes, o que é muito provável. Não é preciso sequer contatá-lo. Informações, fotos, dados pessoais estão expostos. Daí a inquietação. Teoricamente as pessoas não precisam mais se falar para saberem uma das outras, culminando na redução dos círculos sociais reais. “Os vínculos cibernéticos oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais espacialmente dispersos” (CASTELLS, 2007, p. 143)

É chamada de rede social a página que permite a criação de um perfil com dados, fotos e vídeos. Estas informações são publicáveis e editáveis, com a possibilidade de convite de amigos para utilização do mesmo sistema. O crescimento destas ferramentas pode ser considerado um bom termômetro de como a Internet tem impactado nas relações pessoais. De acordo com reportagem da revista *Veja* (9), publicada em 08 de julho de 2009, o Brasil é o país onde esta ferramenta tem o maior alcance, reunindo 29 milhões de pessoas mensalmente, sendo que oito em cada dez pessoas conectadas têm cadastro em algum site de relacionamento. A usabilidade, inclusive, vai além da troca de informações amenas. A pesquisa sobre a vida sexual do brasileiro, divulgada em 18 de junho de 2009 pelo Ministério da Saúde (10), revela que 10,5% dos jovens entre 15 e 24 anos tiveram pelo menos um parceiro sexual que conheceram pela internet. No total nacional, 7,3% da população brasileira já fez sexo com alguém que conheceu virtualmente.

É comum encontrar pessoas com uma lista virtual de amigos composta por centenas, até milhares de nomes. Uma reportagem publicada no caderno Ilustrada do jornal Folha de São Paulo (11), em 05 de janeiro de 2010, identificou que uma das usuárias brasileiras mais populares do serviço de micro blog *Twitter* tem mais de 119 mil seguidores. Ou seja, pessoas que ela se relaciona virtualmente de alguma forma, inclusive com troca de dados, e das quais, provavelmente, não conhece pessoalmente 1% do montante da lista. Contudo, já se sabe que de nada adianta ter 500 ou 1 000 contatos no Orkut ou qualquer outro meio. Há uma limitação biológica. Ainda de acordo com levantamento constante do artigo “Nos laços (fracos) da Internet” (12), publicado pela revista *Veja*, cada um de nós consegue manter uma relação social estável com até, em média, 150 pessoas, segundo tese do antropólogo inglês Robin Dunbar, estudioso da psicologia evolutiva. E por que da insistência em fazer volume na rede, agregando pessoas, mesmo que desconhecidas? Ter muitos cadastros é estar menos só?

Este mesmo artigo aponta uma resposta relacionando as teoria do sociólogo americano Robert Weiss (13), que escreveu, na década de 70, que existem dois tipos de solidão: a emocional e a social, sendo a primeira o sentimento de vazio e inquietação causado pela falta de relacionamentos profundos e a segunda o tédio e marginalidade causado pela falta de amizades ou de um sentimento de pertencer a uma comunidade".

Entramos, novamente, no território de liquidez defendido por Bauman. Há uma avidez por contatos e “relacionamentos”. A questão é que no cenário atual estes laços são fracos, construídos com a previsão de serem desfeitos. O compromisso de longo prazo assusta, sendo substituídos por conexões, que podem ser interrompidas a qualquer momento sem traumas.

Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com “compromisso”, muito menos dos compromissos de longo prazo), elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as possibilidades românticas (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa

velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa”. Diferentemente dos “relacionamentos reais”, é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas de dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: Sempre se pode apertar a tecla deletar (BAUMAN, 2004, p.25).

Somos quem queremos (ou fingimos) ser

Em 2003 a empresa norte-americana *Linden Lab* desenvolveu um ambiente virtual e tridimensional que simula alguns aspectos da vida real e social humana. Chamado *Second Life* (ou Segunda Vida, em português) trata-se, justamente, da aplicação máxima deste conceito, onde sonhadores, curiosos, frustrados e descontentes com as conquistas e derrotas do plano físico podem construir do zero e como bem entenderem *alter egos* com os empregos, carreiras, personalidades e bens que sempre sonharam.



No ambiente do *Second Life*, por exemplo, chega-se ao ponto de surgirem relacionamentos pura e exclusivamente virtuais, onde duas pessoas em contato pela rede não são, necessariamente, o João e a Maria, seres de carne e osso, moradores de algum ponto deste planeta. Mas sim as representações gráficas de cada um, também conhecidas como “*avatar*”.

Essa possibilidade de construção de identidades, dos atributos físicos aos comportamentais, favorece a criação de um ambiente onde temos o controle de nossos moldes, decidindo quem somos de acordo com nossos interesses. Este cenário geralmente serve para uma satisfação temporária e pede reconfigurações constantes à medida que perde o efeito. Bauman fala dessa flexibilidade em *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* e alerta

De toda maneira, o processo tem um impacto profundo e complicado nos níveis de relacionamento pessoal ou profissional. É possível relacionar-se no anonimato ou com uma identidade diferente, construída e ainda manter essa relação em um universo denominado virtual, que só existe quando duas ou mais pessoas estão conectadas por meio de computadores, celulares e outros dispositivos tecnológicos, com linguagem, características e regras próprias que nem sempre coincidem com o mundo real, onde as pessoas, ainda, saem, trabalham, estudam, mas levam uma comunicação ao vivo restrita, recorrendo aos meios tecnológicos mesmo quando estão frente à frente.

Pesquisa de Campo

Como parte integrante essencial para a fundamentação teórica deste trabalho, a pesquisa de campo foi estruturada e realizada em fases. Na primeira, foram agendadas e executadas entrevistas semi-estruturadas, com questões pré-estabelecidas e idênticas, mas não inteiramente fechadas, com dois usuários de internet, um do sexo feminino e o outro, masculino, de regiões diferentes e que não se conhecem, nem mesmo virtualmente. O questionário foi aplicado entre os dias 01 e 06 de junho de 2010, nos respectivos locais de residência dos entrevistados. Para apresentação dos resultados será traçado, primeiramente, um perfil destes personagens e, na

sequência, as respostas registradas em áudio. O objetivo desta etapa era identificar como e com qual intensidade a internet está presente nas relações pessoais cotidianas, a partir destes dois exemplos.

Usuário 1

Marco Antonio de Medeiros Loureiro

50 anos

Natural do Rio de Janeiro - RJ

Guia de Turismo / Aposentado

Data da entrevista: 01 de junho de 2010

Marco Antonio de Medeiros Loureiro é um guia de turismo de meia idade que vive sozinho em Teresópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Mesmo com os pais e amigos morando próximos, ainda tem uma rede de relacionamentos na cidade do Rio de Janeiro e no interior de São Paulo. Contatos pessoais e profissionais com quem precisa interagir de maneira constante. Devido ao afastamento de Teresópolis dos grandes centros e ao fato de que a cidade ainda está em formação, com uma infra-estrutura considerada boa qualitativamente, mas em desenvolvimento quantitativamente, a internet revelou-se um canal de comunicação mais do que propício, transformando Marco Antonio no genuíno migrante digital.

Usuário 2

Danielle Bezerra Franco

27 anos

Jornalista

Natural de São Paulo - SP

Data da entrevista: 06 de junho de 2010

A jornalista Danielle Franco, que comanda a assessoria de imprensa de uma agência de cultura, tem de se relacionar com dezenas de pessoas todos os dias. Com um trabalho

extremamente estratégico, precisa servir de fonte de notícias para grandes veículos de comunicação. Um trabalho insistente, que exige envolvimento de discurso para eficácia de convencimento. Se na era pré-internet os telefonemas e reuniões ao vivo eram a saída, hoje simbolizam a ponta final de qualquer ação. Conectada 5 dias por semana, 10 horas por dia, tem todas as ações de base feitas por e-mail e mensagens instantâneas.

Aplicação de questionário

O questionário semi-estruturado foi aplicado no dia 01 de julho de 2010 para o guia de turismo Marco Antonio Medeiros e no dia 06 de julho de 2010 para a jornalista Danielle. Considerando que as perguntas foram idênticas, o resultado transcrito segue:

1) Quando e como começou a usar a internet?

Marco Antonio: Comecei a usar a internet há 10 anos atrás aproximadamente, através do primeiro PC que comprei.

Danielle Franco: Quando completei 14 anos. Usava muito para pesquisas escolares e bate papo no ICQ

2) Houve dificuldade no domínio da linguagem online?

Marco Antonio: À princípio sim, mas com a prática consegui superar.

Danielle Franco: Não, nenhuma.

3) Quantas horas passa conectado por dia / semana?

Marco Antonio: Depende muito... do tempo disponível, do estado de espírito, até do clima. Quando chove, passo mais tempo. Mas, no geral, umas 20 horas por semana.

Danielle Franco: 5 dias por semana, cerca de 10h por dia.

4) Você controla o tempo de uso ou geralmente fica mais tempo do que o planejado?

Marco Antonio: Só controlo quando tenho outras atividades a fazer, mas geralmente fico mais tempo que o planejado.

Danielle Franco: Geralmente fico mais tempo online do que o programado.

5) Do seu círculo de amizades / relacionamentos, são mais comuns os encontros virtuais ou presenciais?

Marco Antonio: Presenciais! Sem comparação. Não tenho muitos amigos, mas, sem dúvida, não considero contatos virtuais como amigos reais.

Danielle Franco: Presenciais, mas agendados por internet na maioria das vezes.

6) Mantém relações exclusivamente virtuais? (aquelas que de outra maneira não existiriam)

Marco Antonio: Não! Contatos somente virtuais, para mim, são descartáveis. Se um contato somente virtual for interrompido eu não sentirei falta. Agora se um contato se torna uma amizade que ultrapassa a virtualidade, com modos mais consistentes de relacionamento (encontros, telefonemas), aí a coisa muda de figura. O meu modo de encarar passa a ser mais humano, envolvendo também a emoção. Somente a virtualidade representa uma forma muito solta de relacionamento.

Danielle Franco: Não, ainda não cheguei neste ponto de virtualidade e creio que não deve acontecer. Tomo cuidado para isso.

7) Como a internet interfere em suas ações cotidianas?

Marco Antonio: Facilitando o próprio dia-a-dia.

Danielle Franco: atua como agente facilitador. me ajuda a manter estreitos laços de amizade e a reencontrar amigos distantes.

8) Sua rotina off-line está ligada ao mundo virtual (está na rua, mas pensando nos e-mails, sites, formulários)

Marco Antonio: Não mesmo!A não ser que esteja aguardando algo importante.

Danielle Franco: De certa forma. Meu trabalho é muito dependente da internet. Eventualmente quando estou fora do escritório fico preocupada sim, mas não é freqüente.

9) Seus amigos / familiares cobram atitudes mais presenciais ou reclamam do tempo que você fica online?

Marco Antonio: Não, porque quando estou com amigos ou familiares não tenho o hábito de conectar.

Danielle Franco: Às vezes, mas tento reverter a situação, pois eles também passam bastante tempo conectados, não é uma exclusividade minha.

10) Acredita que, mesmo com as facilidades, a internet tem como efeito a redução dos círculos sociais reais?

Marco Antonio: Muito, porque não é difícil encontrar pessoas que trocam o real pelo virtual. Deixam de fazer coisas simples, mas prazerosas, pela comodidade de resolver as coisas sem sair de casa.

Danielle Franco: Não. Mesmo com toda a facilidade do virtual, as pessoas procuram o real, o presencial. A internet é apenas um meio.

11) Em algum momento você já fez uma auto análise do tempo e das ações que faz na internet? (Ex. preciso ficar mais tempo offline ou esse tipo de coisa não devo fazer pela internet)

Marco Antonio: Evidente que sim.Mesmo na virtualidade eu acho que deve haver um mínimo de ética.As vezes o tempo, o dia, as horas passam e a vida acaba ficando no virtual.

Danielle: Não! Está tão incorporado no dia-a-dia que não paro para reflexão. Já é algo normal e rotineiro.

12) As relações virtuais lhe passam segurança?

Marco Antonio: Se eu já conheço a pessoa no plano físico, não vejo problema. Agora se é um contato virtual, não tenho nenhuma segurança.

Danielle: Sim, nunca tive problemas com isso. Acabo confiando.

13) Qual o grau de dificuldade em estabelecer contatos virtuais?

Marco Antonio: Nenhum! O virtual é um campo onde se pode ser qualquer um. Então, se a sua personalidade não agrada ou simplesmente você não quer divulgá-la, pode criar outra. Isso facilita bastante

Danielle Franco: Nenhum. Mesmo porque os contatos expostos na internet são para isso mesmo, para não ter dificuldade.

14) Qual o grau de dificuldade em manter os contatos virtuais estabelecidos?

Marco Antonio: Nenhum. O contato vai e vem, é efêmero. Não há preocupação, sequer em manter, é irrelevante.

Danielle Franco: Nenhum. Tento manter poucos contatos para administrá-los da melhor maneira possível.

15) Você acredita que a internet ajuda a superar ou potencializar algum aspecto de sua personalidade (Ex. Timidez)

Marco Antonio: Sim, potencializa minha desconfiança. O simples fato de eu não poder olhar nos olhos me cria dificuldade. Não que não acredite, mas a desconfiança é maior pelos simples fato de ser muito fácil mentir na internet.

Danielle Franco: No meu caso, só a questão da timidez mesmo.

16) Você já se conectou ou preencheu perfis com dados que não correspondem, propriamente, aos seus? (criar perfis falsos ou mentir, omitir informações durante a conexão)

Marco Antonio: Sim, muitas vezes. Mas se um simples contato tem potencial para passar para o âmbito da amizade, eu mesmo me encarrego de desfazer as inverdades criadas.

Danielle Franco: Não, acho isso muito feio e desnecessário.

17) Alguém já usou um perfil falso com você? Ao descobrir, qual a sua reação?

Marco Antonio: Nunca aconteceu, mas se vier de alguém que já considero um amigo, sentirei muita tristeza. Agora caso venha de um contato qualquer, pura indiferença porque sei que nunca passará de mais um simples contato.

Danielle Franco: Não, nunca tive esta experiência

18) Costuma lembrar do conteúdo e das pessoas com as quais conversou on-line?

Marco Antonio: Sim e muito! Mas somente daquelas em que rola alguma interatividade, sinergia, o que é muito raro encontrar alguém que valha a pena ser lembrado

Danielle Franco: Não. Falo com muitas pessoas todos os dias. mas quando namorava costumava gravar nossas conversas para matar a saudade depois, pois ficávamos muito tempo sem nos encontrarmos.

19) Você adiciona pessoas que não conhece ou que só conhece por rede ao perfil das redes sociais?

Marco Antonio: Redes sociais tipo Orkut e Face Book não faço uso, acho chato. Minha rede social se restringe ao msn e a troca de e-mails. Acho engraçado alguém ter 500 amigos no Orkut ou no Facebook. Seriam quinhentos amigos? Levando em conta o MSN, adiciono sim!

Danielle Franco: Não.

20) Você considera que pode contar com os amigos que mantém on-line para uma relação mais profunda?

Marco Antonio: Com os amigos, de fato, sem dúvida alguma. Mas com os contatos oriundos da net, não.

Danielle Franco: Sim! Mesmo porque não tenho outros contatos que não os meus amigos de verdade. A internet, para mim, é só um meio mesmo.

21) Você se sente menos só quando está conectado (a)?

Marco Antonio: Claro, ainda mais isolado do centro urbano como eu. Além disso, considero a internet como uma forma de passar o tempo.

Danielle Franco: Sim! Costumo dizer que a internet é a minha fiel companhia.

A segunda fase da pesquisa de campo consistiu na elaboração e execução de entrevistas semi-estruturadas envolvendo duas profissionais ligadas ao comportamento humano, justamente para contrapor os resultados obtidos na primeira etapa.

No dia 10 de junho de 2010 foi captado em áudio declaração da Dra. Silvia Sztamfater, psicóloga titulada pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e terapeuta comportamental do Centro de Estudos do Comportamento Humano. Ela defende, com base nestes depoimentos e também nos casos que atende em consultório, que a internet tem facilidades indiscutíveis, mas mantém, sim, forte ligação com o individualismo moderno, configurando uma porta importante para os fóbicos sociais. Uma patologia mental que acarreta no indivíduo uma limitação de relacionamento, com pensamentos pejorativos de auto-referência, sempre no sentido de que os outros estão em constante análise e julgamento. Ao comer em público, por exemplo, o fóbico social pode travar por imaginar o que as pessoas do entorno estão pensando a respeito de seu cabelo, orelha, nariz, etc. (informação verbal)³

³ Informações captadas em áudio em entrevista concedida na sede do Centro de Estudos do Comportamento Humano, que fica na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2081, 3º andar, conjunto 31, em São Paulo, no dia 10 de junho de 2010.

Esse quadro não é raro e ocorre em com maior ou menor intensidade dependendo da situação. Então, se a fobia social é caracterizada pelo excesso de ansiedade enquanto se está sendo observado, o ambiente virtual simboliza uma libertação permitindo atividades, contatos e relacionamentos sem que a pessoa, necessariamente, se exponha ou, quando o faça, mostre apenas o que quer mostrar, suas qualidades, destrezas ou uma projeção de como gostaria que a sua vida realmente fosse.

Um ponto levantado pelo questionário e rebatida pela Dra. Sztamfater foi a possibilidade de driblar a própria personalidade e a criação de novas identidades quando no ambiente virtual. Para ela este processo é normal, já que todos temos fantasias e desejos. A Internet, no caso, é apenas um canal de expressá-los e, de alguma forma, realizá-los. (informação verbal)⁴

A representante do Centro de Estudos do Comportamento Humano também reforçou, nesta entrevista, que o virtual, mesmo com toda força, popularidade e possibilidades, não deve substituir o real e que os círculos sociais presenciais podem ser reduzidos, mas não perdidos. A psicóloga acredita que, mesmo com uma conduta digital e virtual, as pessoas buscam estar entre as pessoas e que, independentemente do processo, se a internet é meio ou não, tudo sempre acaba apontando para isso. (informação verbal)⁵

Para fechar a pesquisa de campo, foi realizada, em 16 de junho de 2010, entrevista semi-estruturada e capturada em áudio com a Psicóloga Dora Sampaio Góes, Vice-Coordenadora do Centro de Tratamento para Dependentes em Internet, braço do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, trabalho em vigor desde 2006.

⁴ Informações captadas em áudio em entrevista concedida na sede do Centro de Estudos do Comportamento Humano, que fica na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2081, 3º andar, conjunto 31, em São Paulo, no dia 10 de junho de 2010.

⁵ Informações captadas em áudio em entrevista concedida em 10 de junho de 2010

Convidada a falar sobre as longas horas em frente ao computador relatadas pelos entrevistados da fase 1, a psicóloga indicou uma série de atributos e atitudes capazes de identificar um viciado em internet (14), fenômeno cada vez mais comum:

- 1) Preocupação excessiva com a internet
- 2) Necessidade de aumentar o tempo conectado (online) para ter a mesma satisfação
- 3) Exibir esforços repetidos para diminuir o tempo de uso da internet
- 4) Apresentar irritabilidade e/ou depressão
- 5) Quando o uso da internet é restringido, apresenta labilidade emocional (internet como forma de regulação emocional)
- 6) Permanecer mais conectado (online) do que o programado
- 7) Ter o trabalho e as relações familiares e sociais em risco pelo uso excessivo
- 8) Mentir aos outros a respeito da quantidade de horas conectadas

De acordo com a psicóloga, apresentar pelo menos 5 dos 8 critérios descritos acima caracteriza dependência e o tratamento é recomendado (informação verbal)⁶. Uma vez identificada a necessidade, o programa de atendimento do Hospital das Clínicas contempla uma abordagem multidisciplinar. É feita uma pré-triagem para averiguar o quadro de sintomas, depois uma consulta de avaliação psiquiátrica e, por fim, é oferecido ao paciente um plano terapêutico em grupo e/ou individual.

. Os problemas com internet estão sob o mesmo guarda-chuva dos transtornos do impulso e o tratamento dura 18 semanas, composto por 18 encontros de uma hora cada. Cada grupo tem no máximo 15 pessoas, levando em consideração que muitas estão ali por algum tipo de fobia

⁶ Informação obtida em entrevista presencial realizada no consultório da Psicóloga Dora Sampaio Góes, em São Paulo, em 16 de junho de 2010.

social. Neste tempo, os pacientes aprendem, individualmente ou em grupo a ligar saúde mental e internet, moderando seu uso, desprezando qualquer caráter proibitivo. (informação verbal)⁷

Planeta Google

Quem nunca digitou o próprio nome no *Google* para saber qual seria o resultado? O serviço de buscas reconhecidamente mais utilizado do mundo é apenas um braço da jovem e gigante norte-americana *Google Inc.* que, entre outros produtos, oferece uma cobertura global por satélite através do polêmico *Google Earth*. Este visualizador avançado de mapas traça com precisão qualquer ponto do planeta e, com o uso de tecnologias acopladas, como o *Google Street View*, tem transformado o mundo em um grande *big brother*, onde a privacidade não é o pilar de sustentação.

Não é preciso cavar muito para descobrir o poder desta ferramenta. Todos os dias pipocam manchetes em que os serviços oferecidos pela empresa afetaram vidas e relacionamentos, mesmo que de forma indireta. No dia 31/03/09, por exemplo, foi publicado na edição online G1 que uma britânica pôs fim a um casamento duradouro após identificar pelo *Google Street View* que o carro do então marido estava em frente à casa de sua melhor amiga em período em que ele supostamente estaria viajando.

Este mesmo serviço encorajou a também britânica Sue Curtis a sair de casa após 20 anos. Por sofrer de agorafobia (medo de espaços públicos) ela ficou trancada por opção desde 1989, tendo se casado e feito o funeral de seu pai na sala da própria casa. Este quadro mudou após descobrir que poderia “checar” as condições das ruas pela internet, antes de se aventurar (15).

⁷ Informação obtida em entrevista presencial realizada no consultório da Psicóloga Dora Sampaio Góes, em São Paulo, em 16 de junho de 2010.



Fonte: Portal G1⁸

Polêmicas à parte, o Google deve mesmo ter algum mérito a ser reconhecido. Afinal a expansão para lugares digitalmente inóspitos, como a África (a empresa tem planos de fornecer computadores gratuitos e instalar centros de acesso à internet em vários pontos do continente), e o faturamento de US\$ 7,286 bilhões entre julho e setembro de 2010 (32,3% acima do esperado) não dão margem para pensamentos contrários (16).

As perguntas são: Onde termina o serviço e onde começa a invasão? Os espaços públicos devem ser mesmo tão públicos? Se desvirtuadas, estas ferramentas podem ser contra o próprio homem? Há preocupação em como estas informações impactam na cultura de um modo geral?

Se há receita, há consumidores. Talvez a problemática seja mesmo questionar a real finalidade do que é oferecido antes de um “aceite” social, já que uma vez estabelecido e popularizado, pouco se pode fazer.

⁸ Endereço eletrônico da imagem

<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1089012-6174,00-APOS+ANOS+BRITANICA+SAI+DE+CASA+PELA+VEZ+INCENTIVADA+PELA+INTERNET.html>

Considerações finais

Antes de vislumbrar o que mais a internet e a comunicação por rede podem causar às relações pessoais é preciso atentar para a questão da identidade humana na era virtual.

As comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da internet [...] Por outro lado, os críticos sociais condenam a desumanização das relações sociais que nos trouxeram os computadores, pois a vida online parece ser uma maneira fácil de fugir da vida real (CASTELLS, 2007, p. 145)

Somos os mesmos após a conexão ou o *login* é a chance de sermos quem não somos no plano físico? Variáveis como idade, sexo e finalidade de uso ainda impedem uma resposta definitiva, mas é possível observar que nossa identidade muda, sim, em maior ou menor grau, sendo que a virtual é formada por conveniências e nem sempre reflete à realidade. Um amigo pode contar uma piada por mensagem instantânea e receber como reação a abreviação “RS” (que significa risos na linguagem internauta). Isso não quer dizer, necessariamente, que quem leu achou engraçado.

Enquanto na vida real os laços são construídos por um processo gradual ao longo da vida e com uma série de rótulos (RG, CPF, carteira de motorista, títulos, diplomas) que identificam o indivíduo no sistema social, no mundo virtual existe o mesmo processo, com rótulos semelhantes, mas não com a mesma validade. Apesar das regras, é fácil ser qualquer um. Ter um e-mail ou cadastro em algum site não significa ser um indivíduo no ambiente de rede. Vide a infinidade de registros falsos em nome de celebridades e autoridades, criados para ludibriar ou influenciar a opinião pública.

Na edição eletrônica do mês de abril do site *ABC News* (17) foi veiculado que a atriz Demi Moore socorreu uma desconhecida que tinha divulgado no *Twitter* a intenção de se matar.

Uma resposta da celebridade, no mesmo site e replicada para 380 mil seguidores, fez com que a polícia chegasse até a internauta. Não fosse a web, de que outra maneira esta garota teria a vida modificada por uma estrela de Hollywood com a qual não possui nenhum vínculo? É sobre esta influência que os estudiosos em comunicação devem se debruçar. Mesmo porque, neste caso isolado ainda há outra problemática, totalmente relacionada à questão da identidade mencionada acima e ratificada pelo professor *Moisés dos Santos*, do curso de Linguagem em Novas Mídias da USP: quem garante que Demi Moore foi a autora real da mensagem? Mesmo com um perfil verdadeiro, outra pessoa poderia ter escrito em seu lugar.



O panorama traçado até aqui não pode ir muito além do presente. Os processos transitórios em tecnologia já não levam mais décadas para se firmarem. Neste cenário instável, de alterações radicais e repentinas, fica difícil estabelecer posições, estando o futuro em aberto.

Prever os futuros padrões da mídia é um negócio arriscado. Qualquer um que tentasse fazê-lo há 25 anos teria pouca ou nenhuma premonição de progressos como redes de transmissão via satélite, TV a cabo multimídia, compact discs, computadores pessoais e a própria internet (DIZARD, 2000, p.158).

Se por um lado alguns estudiosos são radicais em defender a internet como caminho para o isolamento social, as relações intermediadas por computador podem representar a única forma de comunicação em determinados casos. Em junho de 2010 foi publicado no portal G1 que o britânico Jamie Ponsonby, de 13 anos e que sofre de autismo, quebrou o silêncio de toda uma vida ao utilizar as habilidades visuais direcionadas ao teclado de computador. Hoje ele não só se expressa, mas também escreve poemas (18).

Outro destaque da rede a ser considerado neste fechamento é a convergência de mídias num único canal e que, devido ao alcance e popularidade, garante oportunidades para anônimos e famosos. De que outra forma o mundo conheceria Susan Boyle, inglesa de 47 anos que ganhou fama depois que sua apresentação num programa de TV explodiu na rede *You Tube* com mais de 60 milhões de acessos? Quem apostaria na jovem Malu Magalhães, que foi lançada no mercado após sucesso no My Space? Para quem já conhece o estrelato, fica a lição de que não adianta lutar contra. Tanto que artistas consagrados, como Madonna e Radio Head, disponibilizam seus trabalhos na web antes mesmo de liberarem para as lojas.

O avanço da digitalização também chega ao objetos, com a chamada “internet das coisas”. As geladeiras já estão sendo preparadas para avisar quando o leite estiver vencido, e “encomendar” automaticamente alimentos e bebidas cadastrados em supermercados conveniados. No transporte público será possível ser avisado do horário exato em que o ônibus passará pelo ponto e as companhias de ônibus receberão alertas sobre o fluxo de veículos e de passageiros, podendo diminuir ou aumentar as frotas.

A provocação feita por Castells na obra *A Sociedade em Rede*, sobre a internet favorecer a criação de novas comunidades ou a redução dos círculos sociais reais, é possível identificar, incluindo os relatos dos usuários e profissionais entrevistados, que há respaldo no cenário atual para as duas hipóteses. Sim, utilizamos a internet para as tarefas mais triviais, como pedir um documento para o colega de trabalho que está a poucos metros de distância, mas não dispensamos, ainda, o encontro presencial, as situações reais e a confraternização social.

Deve-se, ainda, prestar mais atenção à ficção. Muito do que foi retratado nas telas dos cinemas e nas páginas dos livros já é realidade. A cultuada série *Star Trek* já contava com um comunicador portátil muito semelhante ao celular. A saga *O Exterminador do Futuro* mostra a guerra entre humanos e máquinas dotadas de inteligência artificial num futuro apocalíptico. Até os desenhos que levam a marca *Disney*, sinônimo de encanto e fantasia, já voltaram foco para a questão da desumanização das relações e a automatização das ações. A animação digital *Wall-E* é o ponto de partida perfeito para quem quer ter uma idéia de como será o amanhã no ritmo de desenvolvimento atual. Um planeta inabitável, com populações alojadas em estações espaciais e uma inversão de papéis mais do que suficiente para evocar reflexão: Humanos sem qualquer tipo de contato pessoal e máquinas com a capacidade de amar. Delírio? Certamente o homem do início do século XX pensaria o mesmo ao escutar sobre a TV por celular. Já o homem desta altura do século XXI não tem certeza sobre o impossível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NTC, Coletivo. Pensar – Pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.

DIZARD Jr., Wilson. A nova mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Teses

SANTANA, Camila Lima Santana e. Redes sociais na internet: potencializando interações sociais. 2008. Faculdade de Letras, Artes e Comunicação, Universidade do Estado da Bahia.

Artigos e Informações retiradas da Internet

(1) MICHAELIS. Dicionário On-line de Língua Portuguesa. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=rede>. Acesso em 11 de agosto de 2010.

(2) REBOUÇAS, Fernando. Portal Info Escola. Disponível em:

<http://www.infoescola.com/informatica/rede-de-computadores/>. Acesso em 11 de agosto de 2010.

(3) INTERNET WORLD STATS. Estatísticas de uso da internet pela população mundial.

Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acesso em 01 de julho de 2010

- (4) MURILO, José. O crescimento do uso da internet no mundo supera previsões e assusta pesquisadores. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2008/11/18/o-crescimento-do-uso-da-internet-no-mundo-supera-previsoes-e-assusta-pesquisadores/>. Acesso em 24 de julho de 2010.
- (5) INTERNET WORLD STATS. Estatísticas de uso da internet pela população mundial. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats15.htm>. Acesso em 01 de julho de 2010.
- (6) OLHAR digital. Brasileiros são os que mais passam tempo na internet. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/produtos/mobilidade/celulares-verdes-sao-uma-alternativa-para-diminuicao-do-lixo-eletronico/13434>. Acessado em 20 de agosto de 2010.
- (7) INTERNET WORLD STATS. Estatísticas de uso da internet pela população mundial. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acesso em 01 de julho de 2010.
- (8) MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Telecentros comunitários. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/inclusao-digital-mc/telecentros/>. Acesso em 12 de setembro de 2010.
- (9) SCHELP, Diogo. Nos Laços (fracos) da internet. Revista Veja. Edição 2120. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>. Acesso em 15 de julho de 2010.
- (10) Ministério da saúde. Pesquisa sobre a vida sexual do brasileiro. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalheNoticia&id_area=1450&CO_NOTICIA=10328. Acesso em 12 de julho de 2010.

- (11) Folha de São Paulo. Famosa no Twitter, a publicitária Tessália Serighelli é uma das participantes do BBB10. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u674837.shtml>. Acesso em 20 de julho de 2010.
- (12) SCHELP, Diogo. Nos Laços (fracos) da internet. Revista Veja. Edição 2120. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>. Acesso em 15 de julho de 2010.
- (13) SCHELP, Diogo. Nos Laços (fracos) da internet. Revista Veja. Edição 2120. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>. Acesso em 15 de julho de 2010.
- (14) HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE SÃO PAULO. Instituto de Psiquiatria. Conceito de dependência de Internet. Disponível em: <http://www.dependenciadeinternet.com.br/>. Acesso em 17 de junho de 2010.
- (15) PORTAL G1. Após 20 anos, britânica sai de casa pela 1ª vez incentivada pela internet. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1089012-6174,00-APOS+ANOS+BRITANICA+SAI+DE+CASA+PELA+VEZ+INCENTIVADA+PELA+INTERNET.html>. Acesso em 05 de maio de 2010.
- (16) PORTAL G1. Google supera expectativas com aumento de 32,3% em lucro líquido. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/10/google-supera-expectativas-com-aumento-de-323-em-lucro-liquido.html>
- (17) ABC NEWS. Demi Moore impede suicídio via twitter. Disponível em:
<http://abcnews.go.com/Entertainment/wireStory?id=10146318>. Acesso em 15 de abril de 2010.

(18) PORTAL G1. Menino autista quebra silêncio e se comunica por computador.

Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2010/06/menino-autista-quebra-silencio-e-se-comunica-por-mensagens-de-computador.html>. Acesso em 18 de julho de 2010.

(19) PORTAL G1. Saiba como a Internet das coisas vai mudar seu cotidiano em breve.

Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/05/saiba-como-internet-das-coisas-vai-mudar-seu-cotidiano-em-breve.html>. Acesso em 20 de maio de 2010.

Estatísticas de redes sociais

Portal Comunicadores

<http://comunicadores.info/2010/02/25/estatisticas-do-uso-da-internet-no-mundo/>

ANEXOS

20/07/2008 - 09h38

Viciados em internet são atendidos em SP**DANIELA ARRAIS**
da **Folha de S.Paulo**

Um professor universitário usa a internet para abastecer sua coleção de fotos de mulheres obesas. Ao longo de um ano, acumula 4 milhões de arquivos. Um adolescente de 17 anos passa 35 horas conectado à internet, sem intervalo.

Os casos são reais e foram tratados pelo Centro de Estudos de Dependência da Internet, ligado ao Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso, do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

Danilo Verpa/Folha Imagem



Tratamento para dependência de internet pretende fazer "desmame" do usuário; pessoa deve usar o telefone ao invés de entrar no MSN

Em três anos de funcionamento, o centro já atendeu 30 pessoas. Uma nova turma começará em agosto.

Para se submeter ao tratamento, que dura 18 meses, é preciso se encaixar em pelo menos cinco dos oito tópicos apresentados na [página](#) do centro.

Entre eles, necessidade de aumentar o tempo conectado para ter a mesma satisfação de antes, colocar trabalho e relações sociais em risco pelo uso excessivo da rede e mentir para os outros em relação ao tempo que passa conectado.

Uma vez aceito, o paciente é submetido à psicoterapia de grupo. "Funciona para que eles possam reconhecer o que têm. Eles são apresentados ao problema e recebem indicações do que fazer além de usar a internet. Ao contrário do álcool e das drogas, que o paciente tem que prometer que não vai mais usar, os dependentes precisam aprender a dosar o tempo", afirma Cristiano Nabuco de Abreu, coordenador do centro.

Segundo ele, em geral, os pacientes apresentam quadros de depressão, fobia social ou transtorno bipolar do humor. "São pessoas mais fechadas, introspectivas, que preferem a internet porque têm dificuldade de se relacionarem com outras pessoas. Mas também há gente extrovertida que acaba ficando dependente."

Durante o tratamento, a equipe do centro tenta fazer um "desmame" da internet, para que o paciente tenha experiências na vida real. "Em vez de entrar no MSN, sugerimos que ele pegue o telefone. Em vez de marcar um encontro virtual, indicamos um real. Às vezes entramos com medicação para tratar de depressão", completa.

Doença mental

O vício em internet pode ser uma doença mental, segundo Jerald Block, médico que defende que essa dependência entre no livro de referência da Associação Americana de Psiquiatria, que categoriza e diagnostica doenças mentais.

Em artigo publicado em março, no "American Journal of Psychiatry", o psiquiatra da Universidade de Ciências e Saúde de Oregon, em Portland, diz que os sintomas do vício por uso excessivo de internet são associados à perda da noção do tempo, à negligência de impulsos básicos e aos sentimentos de irritação, tensão ou depressão caso o computador esteja inacessível.

A necessidade de micros melhores ou mais horas de uso, além de reações negativas como brigas, isolamento social e fadiga, também são apontados como indicadores de vício.

Site completo

DEPENDÊNCIA DE INTERNET

Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso – HC USP

(11) 3069-6975

<http://www.dependenciadeinternet.com.br/>

Saiba como a 'internet das coisas' vai mudar seu cotidiano em breve

Geladeiras e até latinhas de cerveja vão ficar 'inteligentes'.

Veja dúvidas enviadas por internautas, e mande suas perguntas.

Leopoldo GodoyDo G1, em São Paulo
[imprimir](#)

Já pensou como será ótimo se a sua geladeira avisasse quando o leite estivesse vencido? Ou que comprasse automaticamente mais latas de sua cerveja favorita quando a bebida acabasse? E que tal um equipamento que calcula quanto tempo você vai levar no trânsito até o local de seu primeiro compromisso do dia, ajustando seu despertador para tocar na hora certa?

Comente esta notícia

A princípio, é fácil confundir essa história com um roteiro de cinema. Mas estamos falando de tecnologias reais, que prometem estar cada vez mais presente na vida das pessoas. A chamada "internet das coisas" representa um conjunto de invenções que permitirão aos objetos - comuns, do cotidiano - se conectarem à rede e passarem a interagir entre eles e com as pessoas.

O exemplo clássico é o da geladeira inteligente, capaz de identificar a falta de alimentos no estoque, buscar receitas em sites especializados e acrescentar produtos à lista de compras do supermercado, aprovada e confirmada pela internet com um clique pelo usuário. Os próprios objetos seriam responsáveis por essa interação: um chip na caixa de leite, por exemplo, avisa o aparelho da proximidade da data de vencimento. Ao sair da geladeira, a última cerveja avisa, eletronicamente, que é preciso comprar mais.

Mas a tecnologia pode ter diversas aplicações. No transporte público, por exemplo, é possível ser avisado do horário exato em que um ônibus passará pelo ponto. A companhia responsável pelos coletivos, por sua vez, pode ser avisada caso ocorra um

fluxo acima do normal de passageiros em um corredor, colocando mais veículos em operação naquela linha. Tudo praticamente sem intervenção humana, gerenciado pela inteligência das máquinas.

A Apple, criadora do iPod, do iPhone e do iPad, já se utiliza de conceitos da "internet das coisas". A empresa firmou uma parceria com a Nike para instalar chips em tênis de corridas, que passam a ser capazes de monitorar os exercícios físicos. Há também aplicativos que colocam em contato todos os sistemas de gerenciamento de uma casa: é possível, por exemplo, ligar a irrigação do jardim, mesmo estando do outro lado do mundo. Seu telefone celular também te avisa, pelo celular, se você esqueceu o ferro de passar ligado. O aquecedor de água conectado a sua agenda sabe a hora exata do banho, e entra em funcionamento automaticamente.

Na coluna Technews desta semana, tiramos as dúvidas dos internautas e dos assinantes da Globonews sobre o vem por aí na internet das coisas. Confira abaixo, e [**deixe mais perguntas na área de comentários**](#).

O que é a internet das coisas? É um equipamento específico?

Não. A internet das coisas é um conceito que reúne diversas tecnologias que têm se desenvolvido nos últimos anos. Os pilares que garantem a transformação dessa ideia em realidade são os sensores RFID (sigla em inglês para identificação por radiofrequência), as redes sem fio ubíquas (ou seja, presentes em todos os lugares) e a mudança do protocolo de internet para a versão IPv6.

Atualmente, o protocolo IPv4 só é capaz de "contar" até 4 bilhões. Ou seja, só podemos dar endereços diferentes para um número limitado de computadores, telefones celulares e equipamentos conectados à rede. Na internet das coisas, cada objeto precisa de um endereço próprio. É aí que entra o IPv6. Ele garantirá códigos diferentes para uma quantidade praticamente infinita (mais precisamente, 340.000.000.000.000.000.000.000.000... ou 340 undecilhões!) de objetos.

Já existem aplicações que fazem uso desse conceito?

Sim. A parceria entre a Apple e a Nike, por exemplo, já dá uma boa noção de como será a comunicação inteligente dos objetos no futuro. Também existem sistemas que utilizam etiquetas RFID ou mesmo em QRCode (versões mais modernas do velho código de barras) para armazenar a história de cada objeto.

Outro produto que se aproveita da internet das coisas é um pequeno robô chamado Nabaztag, criado pela empresa americana Violet. Parece um coelhinho inofensivo de brinquedo, que fala, mexe as orelhas e pisca luzes coloridas. Mas dependendo da cor que ele assume, Nabaztag comunica a chegada de novos e-mails, informa a previsão do tempo, a situação das estradas e até o comportamento das bolsas de valores, tudo em tempo real.

Quero trabalhar no desenvolvimento de aplicativos para a internet das coisas. Quais os grandes centros de estudo sobre esse assunto?

Os dois maiores polos mundiais de pesquisa em conectividade de objetos são o Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, e a Universidade de Manchester, na Inglaterra, sede da conferência anual "The Future of Things" (em português, "o futuro das coisas").

05/07/2010 - 12h02

Internet ultrapassa caixa eletrônico e lidera transações bancárias, diz BC

EDUARDO CUCOLO

DE BRASÍLIA

FONTE: Folha Online

A internet já é o canal de atendimento bancário mais utilizado, ultrapassando os terminais de autoatendimento (ATM). Segundo dados do Banco Central, em 2009, 31% das transações bancárias foram realizadas por esse canal. O BC aponta um crescimento de 64% no uso desse instrumento desde 2006.

O uso de papel moeda cresceu 12,7% em relação a 2008. A média da quantidade de papel-moeda per capita, que era de R\$ 408,93 em 2008, subiu para R\$ 459,94 em 2009.

A tendência de redução do uso dos cheques também continuou. Em 2009, a quantidade de cheques emitidos apresentou redução de 8,2%. Com isso, a participação foi reduzida para 9,8%, ante 13,9% em 2008.

O valor médio desse instrumento aumentou cerca de 6%, para R\$ 884.

Houve desaceleração no crescimento da quantidade de cartões de crédito e débito em circulação. A média da quantidade de transações por cartão não se alterou no período. O crescimento nas transações com cartão de débito e crédito foi de cerca de 10%, inferior ao crescimento médio anual no período 2004-2008, 19% e 23%, respectivamente.

Segundo o BC, ainda há necessidade de maior eficiência no compartilhamento nas redes de atendimento automático (terminais ATM) e nas redes de captura de transações com cartão de crédito para melhor no sistema de pagamentos.

18 de novembro de 2008

O crescimento do uso da internet no mundo supera previsões e assusta pesquisadores

Fonte: Ministério da Cultura

www.cultura.gov.br

<http://www.cultura.gov.br/site/2008/11/18/o-crescimento-do-uso-da-internet-no-mundo-supera-previsoes-e-assusta-pesquisadores/>

Nos primeiros dias do mês de novembro, o número de pessoas que acessam a Web ultrapassou a casa do 1,5 bilhão, apontando um crescimento vertiginoso de 500 milhões de novos internautas desde 2005.

Caso este ritmo seja mantido, dentro de mais dois anos (2010) será superada a previsão de dois bilhões de usuários, feita originalmente para 2015, por organizações que monitoram o desenvolvimento da Web, como a Internet World Stats e o Projeto 50 x 15.

A internet é a tecnologia que depois, do telefone celular, registrou o mais rápido crescimento em toda a história da humanidade. Há pouco mais de 2,7 bilhões de telefones celulares em todo mundo, 35 anos depois do início da comercialização deste aparelho de comunicação interpessoal.

O automóvel tem cem anos de existência como bem de consumo e registra 800 milhões de unidades em uso no planeta. O telefone fixo é 10 anos mais velho e tem 1.3 bilhão de linhas em funcionamento em todo o mundo. A televisão existe há 60 anos e há 1,56 bilhão de aparelhos em uso.

Como há um processo de convergência entre os computadores conectados à internet e a comunicação móvel via celular, não vai demorar muito para que as duas tecnologias sejam praticamente interligadas, formando uma única e mega rede de comunicação.

O mais incrível deste crescimento vertiginoso é que ele está ocorrendo principalmente nos países mais pobres, em especial na África, onde a telefonia celular dá saltos de 100% ao ano em países como a Nigéria. É claro que em números absolutos, o total de celulares e PCs conectados à web na África ainda é ínfimo em comparação com Europa e Estados Unidos.

Segundo a Internet World Stats, o uso da internet africana cresceu 1.031% entre 2000 e 2008, superado apenas pelo Oriente Médio, que registrou uma taxa de 1.176% no mesmo período. Ao longo dos mesmos oito anos, a América Latina cresceu 669% em matéria de acesso à Web. Ainda segundo a World Stats, há 900% mais internautas brasileiros hoje do que há oito anos.

Para comparar, no mesmo período os Estados Unidos apresentou um ritmo de 220% no crescimento de sua população cibernética, contra 52% na Alemanha, 41,8% na Inglaterra e 36,2 na França e 94% no Japão.

Estes números mostram que o avanço da digitalização é mais rápido do que as previsões feitas pelos especialistas e indicam que o impacto das novas tecnologias sobre os valores que herdamos da era industrial será mais traumático do que se imaginava, porque a transição será mais curta.

Por esta razão, o sociólogo italiano Alberto Melucci adverte sobre as conseqüências sociais de mudanças súbitas em questões como direitos autorais, privacidade, relacionamentos sociais, descentralização acelerada e enfraquecimento do verticalismo administrativo.

Como é impossível frear o crescimento da Web, a solução parece ser aumento o ritmo na conscientização da necessidade de adaptação aos novos tempos, especialmente na área da comunicação, a que teve sua rotina e seus valores mais afetados pelas novas tecnologias.

28/07/2010 11h06 - Atualizado em 28/07/2010 12h46

'Vovó do Twitter' morre aos 104 anos na Inglaterra

Britânica postava mensagens sobre rotina em asilo de Bradford.

Morte foi anunciada no microblog por gerente do asilo.

Do G1, em São Paulo

[imprimir](#)



Ivy Bean comemorou aniversário de 104 anos no

primeiro tweet. (Foto: Reprodução)

A idosa inglesa que ficou conhecida na internet por manter perfis no Facebook e no Twitter morreu nesta quarta-feira (28) aos 104 anos, informam os jornais britânicos.

A "vovó do Twitter" **Ivy bean** morreu pela manhã no asilo onde morava na cidade de Bradford e sua morte foi anunciada em seu perfil pelo gerente da casa.

O primeiro tweet de Ivy, que seria a pessoa mais velha do microblog, foi publicado em setembro do ano passado. A idosa comemorou seu aniversário de 104 anos estreando a conta no serviço: "É meu aniversário. Estou tão feliz". Em 10 meses, a senhora ganhou mais de 57 mil seguidores, que acompanhavam mensagens sobre seu dia a dia, como os penteados que fazia com uma amiga e as guloseimas que comia enquanto assistia ao programa "Deal or No Deal", na TV.

Antes do Twitter, Ivy já fazia parte do Facebook. Ao aderir ao Twitter, afirmou que achava "mais fácil" compartilhar sua rotina pelo microblog. Uma das maiores felicidades de Ivy foi conhecer o cantor Peter Andre - a foto publicada no perfil do Twitter é do artista a beijando.

Em reportagem da "CNN" no ano passado, Ivy admitiu que muitos ficavam surpresos em como ela era ativa na internet, mas afirmou que essa era uma boa forma de manter contato com as pessoas. A britânica postava, sozinha, o conteúdo na internet – entre outras atividades apreciadas

por Ivy estavam frisbee, que lhe rendeu uma medalha no campeonato do asilo, e boliche no Nintendo Wii do mesmo estabelecimento, o Hillside Manor. Quando mais jovem, Ivy era ginasta.

Recentemente, os perfis eram atualizados por Pat Wright, gerente do asilo, porque Ivy estava doente. Nesta terça, ele escreveu "Lamento informar, mas Ivy está muito doente. Manterei vocês informados". Após a morte da twitteira, uma comunidade no Facebook foi criada em sua homenagem. Até as 11h desta quarta-feira, "**RIP Ivy Bean**" tinha 143 membros.

8/07/2010 09h12 - Atualizado em 28/07/2010 10h13

Adolescentes são identificados após exibir cenas de sexo na internet

Imagens foram transmitidas ao vivo, segundo delegado.

Menores disseram à polícia que vídeo fazia parte de aposta.

Do G1, em São Paulo

[imprimir](#)

Dois adolescentes, de 14 e 16 anos, foram identificados pela Polícia Civil após exibirem cenas de sexo ao vivo pela internet, via Twitter, na madrugada de segunda-feira (26), em Porto Alegre. De acordo com o delegado Emerson Wendt, da Delegacia de Repressão a Crimes Informáticos, eles foram ouvidos pela polícia na terça-feira (27), acompanhados de seus pais, e liberados com o compromisso de apresentação ao Ministério Público quando convocados.

“O adolescente, de 16 anos, afirmou que a menina tinha perdido uma aposta em um jogo de cartas on-line. A roupa dela seria tirada de acordo com o número de espectadores on-line. Eles estavam juntos na cena, realizando atos sexuais”, diz Wendt ao **G1**.

Segundo o delegado, ele foi avisado sobre o vídeo, que teria tido cerca de 25 mil visualizações, por meio de seu Twitter pessoal. Os adolescentes foram identificados também com a ajuda da internet.

“Eles foram localizados e entrevistados para a formalização do procedimento policial. Agora vamos encaminhar o procedimento ao Departamento Estadual da Criança e do Adolescente. Trabalhamos com provas técnicas e tentamos verificar outras duas postagens desse vídeo, que teria sido gravado por outras pessoas durante a transmissão ao vivo”, afirma.

Os adolescentes contaram, segundo o delegado, que se conheceram há menos de um mês e teriam se encontrado pessoalmente pela primeira vez na sexta-feira (23).

05/08/2010 10h03 - Atualizado em 05/08/2010 10h03

Americana diz ter descoberto 2º casamento do marido no Facebook

Mulher afirma ter encontrado fotos de cerimônia em página de outra. Homem diz que ela está usando a história para conseguir guarda dos filhos.

Do G1, com informações da AP

[imprimir](#)



Lynn France afirma ter descoberto segundo

casamento do marido pela internet (Foto: Arquivo pessoal/AP)

Uma mulher de Ohio, nos Estados Unidos, afirma ter descoberto pelo Facebook que seu marido tinha um segundo casamento. Segundo a história contada por Lynn France, depois de desconfiar que John France estava tendo um caso, ela encontrou fotos do marido em um casamento na Disney no perfil da outra mulher.

No programa “Today” desta quinta-feira (5), no canal americano “NBC”, France afirmou que Lynn sabia do novo casamento há dois anos, que tem documentos que provam que a união deles (celebrada em cerimônia na Itália, em 2005) nunca foi válida e que a mulher está usando a história do Facebook para ganhar publicidade e conseguir a guarda dos dois filhos do casal. A descoberta de Lynn teria ocorrido em janeiro de 2009, após meses de desconfiança. Ela diz que começou a busca no site de relacionamento procurando pelo nome da mulher que suspeitava ser a amante do marido. Ao acessar o perfil, deu de cara com fotos de uma cerimônia de conto de fadas: um casamento na Disney World, com os noivos fantasiados de Bela Adormecida e príncipe.

“Fiquei em choque. Havia um álbum com 200 fotos lá, de todo o casamento”, contou Lynn, terapeuta ocupacional de Cleveland, à agência de notícias Associated Press. Segundo ela, as suspeitas sobre o marido cresceram meses antes, quando ele começou a ter viagens de trabalho mais frequentes, inclusive no dia em que o filho recém-nascido do casal saiu do hospital. Certa vez, ela encontrou o passaporte de France em casa, quando ele afirmou estar em uma viagem de negócios à China.



John France (E) tenta anular na justiça o casamento com Lynn, realizado na Itália em 2005. (Foto: Arquivo pessoal/AP)

Em outubro, antes de sair para outra viagem, ele deixou o site de um hotel aberto no computador de casa. “Então, fui até lá com uma amiga. Disseram que ele estava com a namorada. Eu disse, ‘Eu sou a mulher dele. Nós temos um filho’”. A tal namorada de France teria dito que estava noiva dele. Ao ser confrontado por Lynn, ele teria dito que não iria se casar com a outra mulher. Mas só ao ver as fotos do novo casamento no Facebook, meses depois, Lynn decidiu pediu o divórcio.

John France não nega o segundo casamento, mas um processo na justiça americana tenta anular a união com Lynn, celebrada em festa na Itália em 2005. “O casamento deles nunca foi juridicamente correto”, diz o advogado de France.

Agora, Lynn briga para recuperar a guarda dos filhos, levados pelo ex-marido para Tampa. Nos últimos meses, a única maneira que ela tem para ver as crianças é pela mesma página na qual descobriu o segundo casamento de France. “É muito estranho ver essa mulher vivendo minha vida”, disse Lynn.